



APOSTILA 9: CRÔNICA ARGUMENTATIVA

Crônica argumentativa

A crônica argumentativa, como gênero textual que combina a narrativa do cotidiano com a exposição de argumentos e opiniões, é um instrumento poderoso para a reflexão e o debate. Destaca-se por sua capacidade de evidenciar questões sociais, políticas e culturais de forma sensível e crítica.

Este gênero textual é um tipo de crônica que se destaca pela sua capacidade de apresentar argumentos de forma persuasiva sobre um determinado tema ou questão. Ao contrário de uma crônica puramente narrativa ou descritiva, a crônica argumentativa tem o objetivo principal de convencer o leitor sobre uma ideia, opinião ou ponto de vista do autor.

Essa forma de escrita geralmente envolve a utilização de evidências, dados, exemplos e raciocínio lógico para sustentar o argumento central. O autor pode usar técnicas retóricas, como a utilização de metáforas, analogias, ironia e humor, para tornar o texto mais cativante e persuasivo. Além disso, a crônica argumentativa também pode se valer de estratégias como a antecipação de objeções, ou seja, abordar possíveis contra-argumentos e refutá-los de maneira a fortalecer a posição defendida pelo autor.

Essa abordagem mistura elementos da crônica jornalística com a argumentação presente em ensaios e artigos de opinião, proporcionando uma leitura informativa e envolvente ao mesmo tempo em que busca influenciar o leitor a adotar a visão apresentada pelo autor (SABINO, Fernando).

Texto: 21 de Janeiro.

Machado de Assis

Bons dias!

Vi, não me lembra onde...

É meu costume, quando não tenho que fazer em casa, ir por esse mundo de Cristo, se assim se pode chamar à cidade de São Sebastião, matar o tempo. Não conheço melhor ofício, mormente se a gente se mete por bairros excêntricos; um homem, uma tabuleta, qualquer coisa basta a entreter o espírito, e a gente volta para casa "lesta e aguda", como se dizia em não sei que comédia antiga.

Naturalmente, cansadas as pernas, meto-me no primeiro bonde, que pode trazer-me à casa ou à Rua do Ouvidor, que é onde todos moramos. Se o bonde é dos que têm de ir por vias estreitas e atravancadas, torna-se um verdadeiro obséquio do Céu. De quando em quando, pára diante de uma carroça que despeja ou recolhe fardos. O cocheiro trava o carro, ata as rédeas, desce e acende um cigarro; o condutor desce também e vai dar uma vista de olhos ao obstáculo. Eu, e todos os veneráveis camelos da Arábia, vulgo passageiros, se estamos dizendo alguma coisa, calamo-nos para ruminar e esperar.

Ninguém sabe o que sou quando rumino. Posso dizer, sem medo de errar, que rumino muito melhor do que falo. A palestra é uma espécie de peneira, por onde a idéia sai com dificuldade, creio que mais fina, mas muito menos sincera. Ruminando, a idéia fica íntegra e livre. Sou mais profundo ruminando; e mais elevado também.

Ainda anteontem, aproveitando uma meia hora de bonde parado, lembrou-me não sei como o incêndio do *club* dos Tenentes do Diabo. Ruminei os episódios todos, entre eles os atos de generosidade da parte das sociedades congêneres; e fiquei triste de não estar naquela primeira juventude, em que a alma se mostra capaz de sacrifícios e de bravura. Todas essas dedicações dão prova de uma solidariedade rara, grata ao coração.

Dois episódios, porém, me deram a medida do que valho, quando rumino. Toda a gente os leu separadamente; o leitor e eu fomos os únicos que os comparamos.

Refiro-me, primeiramente, à ação daqueles sócios de outro *club*, que correram à casa que ardia, e, acudindo-lhes à lembrança os estandartes, bradaram que era preciso salvá-los. "Salvemos os estandartes!" e tê-lo-iam feito, a troco da vida de alguns, se não fossem impedidos a tempo. Era loucura, mas loucura sublime. Os estandartes são para eles o símbolo da

associação, representam a honra comum, as glórias comuns, o espírito que os liga e perpétua.

Esse foi o primeiro episódio. Ao pé dele temos o do empregado que dormia, na sala. Acordou este, cercado de fumo, que o ia sufocando e matando. Ergueu-se, compreendeu tudo, estava perdido, era preciso fugir. Pegou em si e no livro da escrituração e correu pela escada abaixo.

Comparai esses dois atos, a salvação dos estandartes e a salvação do livro, e tereis uma imagem completa do homem. Vós mesmos que me ledes sois outros tantos exemplos de conclusão. Uns dirão que o empregado, salvando o livro, salvou o sólido; o resto é obra de sirgueiro. Outros replicarão que a contabilidade pode ser reconstituída, mas que o estandarte, símbolo da associação, é também a sua alma; velho e chamuscado, valeria muito mais que o que possa sair agora, novo, de uma loja. Compará-lo-ão à bandeira de uma nação, que os soldados perdem no combate, ou trazem esfarrapada e gloriosa.

E todos vós tereis razão; sois as duas metades do homem, formais o homem todo... Entretanto, isso que aí fica dito está longe da sublimidade com que o ruminei. Oh! se todos ficássemos calados! Que imensidade de belas e grandes ideias! Que saras excelentes! Que sessões de Câmara! Que magníficas viagens de bonde!

Mas por onde é que eu tinha principiado? Ah! uma coisa que vi, sem saber onde...

Não me lembra se foi andando de bonde; creio que não. Fosse onde fosse, no centro da cidade ou fora dela. Vi, à porta de algumas casas, esqueletos de gente, postos em atitudes joviais. Sabem que o meu único defeito é ser piegas; venero os esqueletos, já porque o são, já porque o não sou. Não sei se me explico. Tiro o chapéu às caveiras; gosto da respeitosa liberdade com que Hamlet fala à do bobo Yorick. Esqueletos de mostrador, fazendo gaifonas, sejam eles de verdade ou não, é coisa que me aflige. Há tanta coisa gaiata por esse mundo, que não vale a pena ir ao outro arrancar de lá os que dormem. Não desconheço que esta minha pieguice ia melhor em verso, com toada de recitativo ao piano: Mas é que eu não faço versos; isto não é verso:

Venha o esqueleto, mais tristonho e grave,
Bem como a ave, que fugiu do além...

Sim, ponhamos o esqueleto nos mostradores, mas sério, tão sério como se fosse o próprio esqueleto do nosso avô, por exemplo... Obrigá-lo a uma polca, habanera, lundu ou cracoviana... Cracoviana? Sim, leitora amiga, é uma dança muito antiga, que o nosso amigo João, cá de casa, executa maravilhosamente, no intervalo dos seus trabalhos. Quando acaba, diz-nos sempre, parodiando um trecho de Shakespeare: "Há entre a vossa e a minha idade, muitas mais coisas do que sonha a vossa vã filosofia."

Boas noites.

Fonte: *Obra Completa* de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, Vol. III, 1994. (Publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, de 05/04/1888 a 29/08/1889).

Análise da crônica 21 de Janeiro

A crônica foi retirada do livro *Bons Dias!*, que reflete a vida cotidiana do século XIX no Brasil, trazendo à tona as peculiaridades e as hipocrisias da sociedade. O texto *21 de Janeiro* transmite a passagem do tempo, especialmente após o início do ano novo. O autor utiliza a data específica para meditar sobre as resoluções de ano novo e a rapidez com que a rotina e as antigas práticas retomam seu lugar na vida das pessoas. Através da ironia e do criticismo social, Machado de Assis critica a superficialidade e a falta de compromisso das pessoas com suas próprias resoluções.

A ironia é uma marca registrada de Machado de Assis, utilizada para criticar a sociedade e suas falhas. Seu humor é refinado e muitas vezes envolve uma crítica velada. Além disso, o autor tem um olhar aguçado para os detalhes do cotidiano. Ele transforma eventos banais em material para reflexão profunda, revelando aspectos sutis da vida.

A crônica é estruturada de maneira simples e direta, seguindo o fluxo de pensamento do autor. Machado começa com uma observação sobre a data e gradualmente expande para uma reflexão mais ampla sobre o comportamento humano e a passagem do tempo. Ademais, o título é uma escolha deliberada do autor para destacar a passagem do tempo e a realidade que se estabelece após as festividades do Ano Novo. Através desta data específica, ele convida os leitores a refletirem sobre a efemeridade das resoluções e a rotina que define a maior parte da vida cotidiana, utilizando sua característica ironia e observação crítica.

O escritor usa o verbo “ruminar” para indicar a necessidade de reflexão e autoanálise. Ele sugere que, após a euforia inicial do Ano Novo, é necessário “ruminar” sobre as resoluções feitas e avaliar se realmente temos a intenção e a capacidade de cumpri-las.

Além disso, Machado de Assis utiliza habilmente a alternância entre formalidade e informalidade para enriquecer sua narrativa e aprofundar suas reflexões. A formalidade confere gravidade e distanciamento crítico, enquanto a informalidade aproxima o leitor e facilita a identificação e a compreensão das críticas sociais e reflexões filosóficas. Essa combinação dinâmica é uma marca do estilo machadiano e contribui para a durabilidade e relevância de sua obra.

1) A estratégia de retórica na crônica argumentativa refere-se ao uso de técnicas persuasivas para convencer o leitor da validade de um argumento ou ponto de vista. Essas estratégias podem incluir: apelo à emoção, perguntas retóricas, repetição de ideias, utilização de histórias e exemplos, citações de autoridades. Diante disso, **identifique** as técnicas retóricas empregadas no texto I e **justifique** como esse método contribui para persuadir o leitor.

2) Como discutido nas aulas anteriores sobre a tipologia argumentativa, são empregados, frequentemente, diversos recursos argumentativos para convencer o leitor, inclusive na crônica. **Aponte** como o uso de exemplos e detalhes específicos reforçam sua argumentação sobre monotonia da rotina.

3) Na crônica argumentativa, a lógica do tempo é um elemento fundamental que permite ao autor construir uma narrativa persuasiva e envolvente. Ao situar os elementos dentro de um contexto temporal específico, o autor pode destacar mudanças, contrastes e evoluções, oferecendo uma análise crítica e reflexiva sobre a sociedade. Essa abordagem não só enriquece a crônica, mas também engaja o leitor ao conectar temas universais a eventos contemporâneos e cotidianos. Sendo assim, **identifique** o recurso linguístico utilizado na crônica *21 de Janeiro* e **retire** um trecho que explique essa lógica.

4) O efeito estilístico em uma crônica argumentativa refere-se às escolhas linguísticas e literárias do autor que influenciam a maneira como a mensagem é percebida pelo leitor. Esses efeitos podem incluir: uso de ironia e sarcasmo, linguagem coloquial, anedotas, intertextualidade, figuras de linguagem, narrativa em primeira pessoa. Essas escolhas estilísticas não apenas tornam a leitura mais interessante, mas também ajudam a persuadir o leitor, reforçando os argumentos do autor de maneira eficaz. Diante do que foi explicado anteriormente, **qual** efeito estilístico do uso figurado do verbo “ruminar”? **Explique** como isso contribui para a construção do argumento ou da narrativa.

5) O uso de interjeições desempenha um papel significativo na transmissão de emoções e no engajamento do leitor. Machado de Assis, em suas crônicas, utiliza interjeições para diversos fins estilísticos e argumentativos, como por exemplo: expressão de emoções, ênfase, tom humorístico ou irônico, criação de intimidade com o leitor, ritmo e fluidez do texto. Diante disso, **analise** como o uso de interjeições contribui para o tom da crônica *21 de Janeiro*, a partir de exemplos retirados do texto.

6) Machado de Assis utiliza o espaço urbano do Rio de Janeiro para construir suas observações e críticas sociais, oferecendo uma análise detalhada do ambiente e sua influência na vida dos habitantes. Desta forma, **quais** aspectos do espaço urbano são criticados por Machado de Assis?

7) O autor do texto é conhecido por sua habilidade de entrelaçar referências literárias em suas crônicas. Ao fazer analogias com romances de autores como José de Alencar, Eça de Queirós, ou Balzac, ele contextualiza suas críticas sociais, sublinhando a perpetuação de certos comportamentos e injustiças. Essas analogias enriquecem o texto, oferecendo um contexto histórico e cultural, aumentando a credibilidade do autor, engajando o leitor, esclarecendo argumentos complexos, e ampliando a ressonância emocional e universalidade dos temas discutidos. Esse uso habilidoso de intertextualidade é uma marca registrada de Machado de Assis. Dessa maneira, **como** as analogias com outros romances na crônica *21 de Janeiro* ajudam a contextualizar a crítica social de Machado de Assis?

8) Machado de Assis utiliza citações para fortalecer sua argumentação, construir sua credibilidade e enriquecer sua crítica social. Logo, **de que maneira** a citação enriquece a crítica social apresentada pelo autor?

9) Facilitando uma análise detalhada de seu estilo e abordagem na crônica, o autor utiliza a combinação de formalidades e informalidades para criar um texto rico, envolvente e crítico. **De que maneira** o uso de ênclise e mesóclise na crônica *21 de Janeiro* reflete a formalidade ou informalidade do texto?
